

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DO BRASIL ★ ★ ★

Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.
Al. Barão de Limeira, 425, Campos Elísios, CEP 01202-900, São Paulo, SP

Presidente: LUIZ FRIAS

Diretor Editorial: OTAVIO FRIAS FILHO

Superintendentes: ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES E JUDITH BRITO

Conselho Editorial: ROGÉRIO CUZAR DE CARVALHO LEITE, MARCELO COELHO, JÂNIO DE FREITAS, GILBERTO DIMENSTEIN, CLÓVIS ROSSI, CARLOS HÉLTON CONY, CÉSIO PINTO, ANTONIO MANUEL TEIXEIRA MENDES, LUIZ FRIAS E OTAVIO FRIAS FILHO (secretário)

Diretoria executiva: ANTONIO CARLOS DE MOURA (comercial), ADALBERTO FERNANDES (industrial/tecnologia), MURILLO BUSSAB (circulação), MARCELO MACHADO GONÇALVES (finanças) e MIGUEL LONGO JUNIOR (planejamento)

Editoriais

editoriais@uol.com.br

Mito e realidade

Apesar dos esforços por maior eficácia, lentidão da Justiça ainda causa prejuízos para cidadãos e empresas no Brasil

A O DECLARAR, na cerimônia de abertura dos trabalhos do Poder Legislativo, que a morosidade da Justiça é um mito, o ministro Gilmar Mendes foi na contramão dos esforços patrocinados pelo Conselho Nacional de Justiça (CNJ), por ele presidido.

Reportagem desta **Folha** mostrou que mesmo onde os números são mais favoráveis, como em Rondônia, o atraso é de pelo menos 30% em relação aos prazos processuais. Corroborando essa realidade o próprio objetivo estabelecido pelo 2º Encontro Nacional do Judiciário, de identificar processos judiciais antigos e adotar medidas para o julgamento de casos distribuídos antes de 31 de dezembro de 2005.

É natural que as demandas relativas a situações mais complexas, que envolvam controvérsias profundas, precisem de prazos alongados. A Justiça não é nem deve ser instantânea. O direito de defesa, a realização de provas e os trâmites estabelecidos em lei precisam ser respeitados. O mito da morosidade poderia ser evocado diante da exigência, em todo inadequada, de que todo e qualquer conflito de interesses fosse de pronto resolvido.

O que não se justifica, como tem acontecido país afora, é a existência de milhares de processos, sem nenhuma complica-

ção jurídica, arrastando-se há anos, à espera de um desfecho.

Perambulam pelos tribunais casos relacionados a planos econômicos anteriores à implantação do Real. Contribuintes são praticamente obrigados a aderir a programas de pagamentos de débitos fiscais, mesmo que os valores cobrados pela União sejam indevidos, porque é comum que, na Justiça Federal, os processos instaurados aguardem 15 anos por uma decisão.

São frequentes, no mesmo sentido, as notícias de presos com benefícios legais não atendidos por falta de prestação jurisdicional. E de réus que aguardam julgamento de delitos cometidos há mais de uma década.

É preciso reconhecer que medidas importantes de aperfeiçoamento da Justiça vêm sendo tomadas. Reformas processuais permitem que, hoje, demandas mais simples se resolvam em julgados especiais. O CNJ, apesar da resistência de magistrados, tem procurado instituir mecanismos de gestão capazes de conferir ao Judiciário uma feição mais moderna e eficaz.

Mas ainda estamos no terreno da expectativa. O ideal é que o curso natural das demandas se esgote em prazos razoáveis e que não sejam mais necessários mutirões para enfrentar os acúmulos e afunilamentos criados no dia a dia.

A morosidade da Justiça é ainda um fato. Não é mito. É preciso combatê-la com as armas da eficiência, pois são graves suas consequências para a cidadania e para o próprio desenvolvimento econômico do país.

Sobram vagas

NÃO SE deixam para trás com a facilidade vendida por discursos ufanistas mais de duas décadas de crescimento econômico muito baixo.

Não há dúvida de que políticas econômicas responsáveis, no âmbito interno, e uma conjuntura externa favorável ajudaram o país a superar alguns dos constrangimentos que limitavam sua capacidade de crescimento. Mas os custos da estagnação e da falta de investimentos públicos do passado ainda se fazem presentes na péssima infraestrutura do país, por exemplo, ou na escassez de mão de obra qualificada.

Dados do Sine — uma rede pública de agências de emprego, associada ao Ministério do Trabalho — mostram que apenas 39% das vagas ali oferecidas em 2009 foram preenchidas. Em 2008, na mesma rede, 42% haviam sido ocupadas; no ano anterior, 48%.

Ou seja, mesmo com um índice de desemprego ainda relativamente alto, de 8,9% no ano passado, o país vive o paradoxo de criar vagas e não encontrar profissionais que as preencham. A

explicação, dizem as empresas, está sobretudo na escolaridade precária dos trabalhadores.

O fenômeno já se fazia sentir com força, no final de 2009, na procura por engenheiros. Agora se vê que a carência de profissionais se espalha para vários níveis de formação —sobram vagas para farmacêuticos mas também para eletricitistas e torneiros.

Trata-se de um problema grave, para o qual não há solução simples nem imediata. A rede educacional do país, com suas falhas e distorções distribuídas do ensino fundamental à universidade, mostra-se incapaz de oferecer ao mercado de trabalho mão de obra competente.

Sempre presente de forma retórica no debate público, a educação parece fadada, neste ano, a finalmente ocupar posição de real destaque na campanha para a Presidência.

Em contraste com as generalidades do passado, espera-se que os candidatos digam o que planejam, de forma específica, para um setor estratégico para o país.



FERNANDO DE BARROS E SILVA

Meirelles na manga

SÃO PAULO — Eleito deputado federal pelo PSDB de Goiás em 2002, Henrique Meirelles trocou o Congresso pelo convite inesperado de Lula para ser presidente do Banco Central no governo petista. Então debutante na política, ele vinha de uma trajetória exitosa no mercado financeiro, tendo chegado nos anos 90 ao topo da hierarquia executiva do Bank of Boston.

O tucano de Anápolis com perfil conservador e carreira de banqueiro internacional foi, com Antônio Palocci, o fiador da ortodoxia econômica e uma arma de Lula para aplacar a desconfiança do mercado.

Para muitos companheiros, Meirelles era uma espécie de "alien" a ser extirpado do organismo do poder. Com seu jeito de ET no meio da petelândia, ele sobreviveu e se tornou um dos estílios do lulismo. José Dirceu, Palocci, Luiz Gushiken, muita gente dançou na cúpula do PT e no primeiro escalão do governo. Meirelles é o único quadro de elite a permanecer onde estava desde 1º de janeiro de 2003.

O presidente do BC está no PMDB desde setembro passado. E disse a Lula há poucos dias que num eventual governo Dilma Rousseff gostaria de continuar "colaborando" na "césia federal". Sua pretensão, como está claro, seria concorrer na condição de vice-presidente.

Na disputa interna do PMDB Meirelles hoje é o franco arador. O partido, que o vê como forasteiro, amou seu jogo em torno de Michel Temer. O deputado, no entanto, não inspira confiança ao PT nem tem simpatia de Lula.

O fato é que, no círculo lulista, Meirelles começa a ser visto seriamente como coadjuvante útil a uma presidenciável que militou na luta armada. A guerrilha e o banqueiro — parece até sessão da tarde.

O vice patrocinou a estabilidade daria uma espécie de sinal ao mercado contra a retórica esquerdosa e a inclinação estatizante da candidatura. Talvez Meirelles represente para a campanha de Dilma o que a Carta ao Povo Brasileiro apresentou para Lula em 2002.

MELCHIADES FILHO

Janela indiscreta

BRASÍLIA — "É necessário radicalizar o debate político e fazer disso um método de ação política." A convocação, feita na virada do ano, não partiu de Franklin Martins, Paulo de Tarso Vannuchi ou outro ministro incendiário do governo Lula, mas de uma das vozes conservadoras mais populares dos EUA.

Âncora de rádio e TV, empresário de comunicações e guru do Partido Republicano, Glenn Beck é adepto da teoria da "Janela de Overton", elaborada na década passada por um cientista político de Michigan.

Cada assunto de interesse público, segundo essa teoria, tem um espectro de várias políticas possíveis. A "Janela" corresponde às opções que a opinião pública (ou o eleitorado) aceita num dado momento.

Não adianta o político pinçar uma ideia que esteja fora desse leque e, por exemplo, tentar transferi-la em lei. Fatalmente será derrotado. Em vez disso, defende Joseph Overton, esse político tem que trabalhar para mudar o cenário, ampliando a "Janela" de propostas

politicamente viáveis ou deslocando-a para o seu lado do espectro ideológico. Como? Martelando em público (e na imprensa) ideias cada vez mais radicais — suavizando, por contraste e com o tempo, o conteúdo que o leitor médio descartava.

O Planalto não busca a imediata implementação das propostas "radicais" que tem lançado ou ajudado a divulgar —tribunal para jornalistas, punição a militares da ditadura, legalização do aborto, retirada de crucifixos das repartições públicas, partilha obrigatória dos lucros; combate à TV paga, jornada de trabalho de 40 horas etc. Lula sabe que são ideias hoje "inaceitáveis".

Esse barulho todo tem pouco a ver com esta Presidência — e muito com a próxima. É, de certo modo, a tentativa de alar o governo e do PT de deslocar para a esquerda a "Janela de Overton". Mantém-se tensionada a campanha eleitoral, que inicialmente tenderá a um continuismo de centro, e prepara-se o enfrentamento político de 2011.

melchiades.filho@grupofolha.com.br

RUY CASTRO

Fantasia de patriota

RIO DE JANEIRO — Ao ver a foto do grupo de filibusterios —casacas de veludo azul e vermelho, cabelos empoados, chapéus de três bicos e cada qual com um mosquetão, tudo com cara de brechó—, pensei que fosse um bloco de Carnaval. Mas no Idaho, um dos Estados mais caros e sem graça dos EUA?

A legenda da foto explicou: era um grupo de "patriotas" americanos — um convate de organizações com nomes como Amigos da Liberdade, Aliança pela Liberdade ou Defensores da Liberdade. Na verdade, gente que está à direita de George W. Bush e para quem Barack Obama é o bicho e precisa ser exterminado antes de instalar sua "tirania socialista". Por tal tirania entendam-se medidas sociais, proteção a imigrantes e injeções de dinheiro do Federal Reserve, o Banco Central americano, para salvar a economia — à custa, dizem eles, de suas economias.

Meio que inspirando e unindo essas organizações está o agressivo

"Tea Party", sendo "Tea" um anagrama para "taxes enough already", ou "chega de mais impostos" — um movimento surgido há um ano na esteira da recessão, do desemprego e da própria existência de Obama. Não é ainda um partido, mas, pela preocupação do Partido Republicano com o seu crescimento, não demora a ser.

O "Tea Party" é composto de senhores patufas que, até há pouco, estavam de avental sujo de ovo, fritando bolinhos, e não sabiam apontar Washington no mapa. Hoje promovem comícios com seguranças armados, usam retórica racista, estimulam a formação de milícias e falam até numa nova guerra civil. Sua heroína é Sarah Palin, candidata a vice na chapa Republicana derrotada por Obama e uma das mulheres mais ignorantes — e esperadas — da América.

Decididamente, essa turma fantasiada de patriota parece a fim de tudo, menos de Carnaval.

ANTONIO DELFIM NETTO

2010?

TEMOS INSISTIDO nestes "sueitos" semanais que, em matéria de crescimento econômico, 2010 está dado. Por uma fatalidade estatística, registraremos um crescimento da ordem de 5% ou 6%. O que se discute é a "qualidade" desse crescimento e a herança que o governo Lula deixará. Será um ano em que as incertezas continuarão:

1) estimativas quase consensuais são de que a economia mundial crescerá em torno de 3% a 3,5% (os EUA próximos de 3,5%, a Eurolândia menos de 2% e os emergentes de 5% a 5,5%). A Comissão Europeia decidiu suportar a Grécia, mas há ainda a possibilidade de um desatranço no sistema financeiro americano;

2) crescem as preocupações com a bolha imobiliária chinesa e a aceleração da sua taxa de inflação. A irritação causada pela política cambial na China vai acabar impondo a cada país uma política defensiva. Isso poderá ampliar o protecionismo, com graves consequências para o desenvolvimento mundial. A paciência e a leniência do mundo em relação às "artes" chinesas estão esgotando;

3) os sinais de uma deterioração das contas externas brasileiras são cada vez mais visíveis, mas ela não coloca em risco a nossa solvência. O problema é que, cada vez que se tentou sustentar o crescimento (do consumo, principalmente) à custa da acumulação de déficits em conta corrente, o final não foi feliz;

4) a "filosofia" do presidente Lula — mesmo dando ênfase ao combate à fome e à melhoria dos menos favorecidos pela sorte — sempre foi a do respeito aos pilares da política econômica canônica: metas de inflação executadas por um Banco Central operacionalmente autônomo; construção de superávits primários capazes de reduzir monotonicamente a relação dívida pública/PIB; câmbio flutuante com liberdade de movimento de capitais.

Foi isso o que permitiu ao país aproveitar-se da expansão do crescimento mundial de 2003 a 2008.

Diante da crise mundial, alguns desses cânones foram, justificadamente, quebrados. Parece claro que teria sido preferível dizer isso claramente em relação ao superávit primário de 2009 do que construí-lo com uma contabilidade imaginativa. O resultado final, entretanto, foi bastante razoável: saldos da crise à frente da maioria dos países, mas restou uma dívida sobre a política fiscal de 2010.

O dilema de Lula em 2010 é que o desejo de eleger o seu sucessor não pode ignorar a saída correta que é a redução dos gastos correntes. Precisa fazer o prometido superávit primário de 3,3%. Sem isso, poderemos ter séria volatilidade no câmbio e aumento da inflação no segundo semestre.

contato@delfimnetto@uol.com.br

ANTONIO DELFIM NETTO escreve às vezes artigos sobre política na **Folha**.

FRASES

EXECUTOR
O Estado terá de reforçar seu segmento executor (...). O grande desafio é ainda superar o peso dos 25 anos de estagnação da economia e das políticas sociais

DILMA ROUSSEFF
pré-candidata governista à Presidência, defendeu, em entrevista editada em livro, a presença mais forte do Estado na economia, ontem no **Folha**.

LEITURA CRÍTICA
O Brasil tem influência para pressionar por mudança no Irã. Agora é preciso uma leitura crítica dos desdobramentos futuros

PHILIPPE DANI
do Human Rights Watch, sobre o Brasil ter pedido ao Irã que "atue de forma respeitosa com dissidentes e minorias", ontem no **Folha**.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.